



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA**

KEILA KARINA SOUSA MARTINS

**RETRATO DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA EM
QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE
JESUS**

**BRASÍLIA
DEZEMBRO/2016**

KEILA KARINA SOUSA MARTINS

**RETRATO DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA EM *QUARTO DE
DESPEJO* DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia para conclusão do curso
em licenciatura de Letras Português.
Orientadora: Professora Doutora em
Teoria da Literatura Regina
Dalcastgnè.

BRASÍLIA
DEZEMBRO/2016

Não digam que fui rebotalho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora.

Carolina Maria de Jesus



Aos meus familiares e amigos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família por ter me apoiado nessa jornada acadêmica. Sem meus pais e minha irmã ao longo desses anos tudo seria mais difícil. Agradeço por terem estado comigo e dando suporte mesmo quando acreditei que não seria possível.

Agradeço as amigadas que cultivei dentro e fora do curso de Letras, pois foram importantes não somente para formação acadêmica, mas também como uma cidadã que acredita que é por meio da educação que conseguiremos de fato o progresso no nosso país. À todas as conversas e os trabalhos dentro e fora da sala de aula foram de suma importância para viabilizar a busca pelo conhecimento.

Estar em uma universidade vai além do caráter científico, no entanto em tempos sociedade líquida olhar ao nosso redor em meio a tantos compromissos no fazem esquecer que somos humanos e precisamos um dos outros se torna quase que impossível, por isso agradeço não só o corpo docente e discente, mas aos trabalhadores que sorriem quando damos bom dia, assim tornando viva a universidade.

Também agradeço aos professores que contribuíram do curso Letras Português e de outros cursos que tive a oportunidade de fazer outras matérias e agregar ainda mais meu conhecimento e agradeço principalmente a Regina Dalcastgnè pela paciência em compreensão porque sem ela, este trabalho não teria sido concretizado.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar solidão da mulher negra a partir do livro *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Buscamos entender que a partir do apagamento cultural e intelectual das pessoas negras, a trajetória dessas pessoas é marcada não somente pelo silenciamento, mas também pelas diversas violências que permeiam não os aspectos físicos, mas o aspecto simbólico principalmente com as mulheres negras. Nesse sentido, analisar a obra de Carolina Maria de Jesus é refletir a respeito da sua escrita, da sua resistência, das condições precárias e principalmente das diversas violências que as mulheres negras são submetidas no nosso país.

Palavras chave: Quarto de despejo, mulher negra, violência simbólica, solidão.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| Apresentação de Carolina Maria de Jesus | 10 |
| A resistência de Carolina: a escrita..... | 14 |
| DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA A SOLIDÃO..... | 19 |
| A solidão em Quarto de despejo..... | 26 |
| Conclusão..... | 33 |
| Referências bibliográficas | 34 |

INTRODUÇÃO

Quando se discute literatura brasileira é importante ressaltar que ainda existe o apagamento da memória cultural e intelectual dos negros e das negras que compõe nosso histórico social. O que significa dizer que o histórico cruel e desumano dificulta o empoderamento do povo negro, pois a pouca representatividade na mídia, na literatura e nas artes atrapalha esse processo.

Nesse contexto, na literatura contemporânea, nomes que fazem parte da cultura brasileira não são lembrados nem pela academia nem pela mídia por serem pessoas negras e por não integrarem a tradição literária. Nesse sentido, é importante o resgate e o estudo da cultura afrodescendente. Um dos nomes que merece destaque é o de Carolina Maria de Jesus, principalmente por sua resistência e trajetória de vida.

A escritora, que nasceu em 1914 na cidade de Sacramento, Minas Gerais, teve seus livros traduzidos para mais de dez idiomas, dentre eles romances, contos e poemas. Escreveu *Quarto de despejo*, um de seus livros mais conhecidos que será objeto de estudo do presente trabalho.

A autora de *Quarto de despejo diário de uma favelada* foi descoberta por Audálio Dantas, jornalista que a ouviu discutindo com seus vizinhos quando os ameaçava registrá-los em seu livro. O jornalista ficou curioso e se interessou em saber a respeito de Carolina Maria de Jesus. A partir desse encontro, a escritora teve a oportunidade de mostrar para todos o que mais gostava de fazer: escrever.

Na obra, a autora critica de forma ácida a barreira criada pelo racismo e pelo descaso social, e relata como esse problema impede que ela atinja a ascensão social. Nesse aspecto, ter Carolina Maria de Jesus como narradora é importante para a cultura, memória e literatura afrodescendentes.

A escritora é símbolo de resistência e representatividade para mulheres negras que continuam em situações precárias e que são, a todo o momento, subjugadas por uma sociedade que, apesar de levantar a bandeira da miscigenação, se esconde no mito na democracia racial. Nesse aspecto, a narradora personagem tem problemas não só com o racismo, mas também com a misoginia.

Assim, o presente trabalho procura analisar o livro *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus, publicado no final do ano de 1960, a partir do discurso estabelecido pela

própria personagem narradora, discutindo as diversas facetas da violência a que ela é submetida.

Contudo, o foco principal recairá na questão da solidão da mulher negra encenada ao longo de toda a história do livro. Aqui a solidão será abordada a partir da trajetória da personagem de como ela se estabelece além discutir a importância da escrita para compreensão do que é vivido e a resistência diante das desigualdades de gênero, raça e classe social, tendo como aparato teórico o que Bordieu define como violência simbólica e sua estruturação e o que Lélia González salienta a respeito do papel da mulher negra na sociedade.

Apresentação de Carolina Maria de Jesus

A mineira Carolina Maria de Jesus chegou a São Paulo em 1947. Em terras paulistas a autora não teve emprego fixo, mas trabalhou principalmente de doméstica, largando o trabalho quando engravidou de seu primeiro filho. Nessas circunstâncias, a autora foi morar na favela de Canindé, que ainda estava em formação. Desse modo, a autora passou a se dedicar mais a leitura e a escrita. Assim, ao se empenhar mais no mundo literário, a escrita tornou-se válvula de escape para desabafar as desigualdades as quais sofreu durante toda sua vida.

Carolina Maria de Jesus foi descoberta pelo o jornalista Audálio Dantas que presenciou uma cena em que Carolina Maira de Jesus discutia com seus vizinhos os ameaçando colocá-los em seu livro. A curiosidade do jornalista tornou o desejo de Carolina possível, Dantas a ajudou na publicação de um dos livros mais conhecidos: *Quarto de despejo*.

A escritora acreditava em seu potencial na literatura, almejando fazer parte da mesma, e considerava que a partir da sua escrita mudaria de vida. No entanto, apesar da publicação de seu livro, na época, problemas sociais enraizados na sociedade impediam a visibilidade da sua produção literária. Desse modo, mesmo com o apagamento de sua produção literária, Carolina Maria Jesus é parte integrante da cultura afrodescendente que precisa a cada dia ser resgatada.

A autora também chama atenção por ser uma mulher negra favelada que escrevia o que naquela época era não comum, apesar de muitas mulheres terem se consolidando no meio literário como lembra Meihy em seu artigo *Carolina Maria de Jesus Emblema do Silêncio*:

É preciso dizer que a época do aparecimento de Carolina, o mundo literário nacional comportava, como demonstra Marisa Lajolo, o aparecimento de “mulheres com ideias na cabeça e pena na mão” (Meihy, 1998, p.89).

Nesse sentido, o autor ressalta que apesar da autora fazer parte do meio literário feminino em que sua produção é necessária para as mulheres, Carolina não se manteve, pois “ao contrário de seus ‘pares’ que só cresceram, a carreira de Carolina obedeceu ao caminho

do declínio”. Nota-se, então, que a trajetória da autora no cenário literário foi desconsiderada e esquecida.

Cabe aqui ressaltar que escritora era uma mulher negra, logo não se encaixava nos padrões para elite literária, conseqüentemente o sucesso da escritora foi breve.

Para Meihy o esquecimento não faz sentido, pois, a forma diferenciada de produção literária de Carolina Maria de Jesus agregaria ainda mais o rol de mulheres na literatura, principalmente pelo símbolo feminista que a autora poderia representar. O autor assinala as seguintes afirmações:

Curiosamente, o testemunho daquela mulher que revelou com tanta intimidade as agruras fica descartado do montante crítico das brasileiras que, de modo geral, insistem em garantir crédito às experiências estrangeiras em vez de olhar o (nosso) próprio lado. (Meihy, 1998, p.90)

O que o autor destaca é a insistência da literatura brasileira em desvalorizar a realidade brasileira descrita na sua forma mais crua e sensível. O livro *Quarto de despejo* tem essência de uma narradora que surge em meio a tantas dificuldades. A escritora que se destaca em meio a tantas misérias causa comoção, porém não levada a sério pela elite intelectual. Nesse aspecto, no que refere ao espaço e a representação da mulher negra, vê-se a dificuldade em enquadrar e valorizar a escrita de Carolina Maria de Jesus.

Para sustentar essa afirmação, o autor diz que o “feminismo brasileiro ainda está preso à classe social (das mulheres brancas e bem-postas na vida que preferem se mirar em espelhos alheios desde que estes reflitam *status*) “o que, para Meihy, justificaria o “esquecimento da mulher negra””. Em consequência disso, o espaço da mulher negra na literatura ainda é muito restrito, o que dificulta o processo identitário das mulheres negras que vivem à margem de uma sociedade eurocêntrica.

Além disso, o autor salienta que esse percurso de sucesso e declínio mostra quão a elite intelectual é cruel ao desconsiderar as obras de Carolina Maria de Jesus. Assim, visto que temos uma elite intelectual, as produções da autora servem de entretenimento, pois lhe é negado o espaço literário.

Embora haja essa rejeição, muitos acreditam que a trajetória da autora em *Quarto de despejo* serve de objeto de estudo e fonte de informação para entender as mazelas sociais que assolam as classes mais baixas. Em contrapartida, enquadrá-la somente nas ciências sociais desqualifica seu trabalho como escritora.

Assim, a autora quando passou participar desse mundo literário quando Audálio Dantas publica seu livro, enfrentou algumas dificuldades em administrar o dinheiro e a sua não adequação aos moldes elitistas que lhes eram exigidos. Fazer parte desse espaço era o mesmo que ser o que ela jamais seria: presa a pessoas que tiravam a liberdade de ser quem ela era. Outra questão que Meihy também destaca que pode ser considerado como senso de responsabilidade é:

O fato de ela, no dia do lançamento do livro, ter saído para catar papel, pois não tinha dinheiro para alimentação dos filhos, mostra como eram estranhas as conexões entre ela e o mundo que a reconheceria como fenômeno logo no outro dia. (Meihy, 1998, p.88)

Carolina saiu do quarto de despejo para sala de visitas, mas a responsabilidade que tinha e as condições em que vivia, não contribuía para se firmar naquele ambiente da elite intelectual. Dessa forma, em virtude da sua não adaptação com a elite intelectual brasileira e o seu breve sucesso, a autora comprou um sítio longe do centro da cidade de São Paulo, onde morou até seus últimos dias de vida.

QUARTO DE DESPEJO

Quando infiltrei na literatura
Sonhava só com a ventura
Minhalma estava chã de hianto
Eu não previa o pranto. Ao publicar o Quarto de Despejo
Concretisava assim o meu desejo.
Que vida. Que alegria.
E agora... Casa de alvenaria.
Outro livro que vai circular
As tristezas vão duplicar.
Os que pedem para eu auxiliar
A concretisar os teus desejos
Penso: eu devia publicar...
– o ‘Quarto de Despejo’.

No início veio admiração
O meu nome circulou a Nação.
Surgiu uma escritora favelada.
Chama: Carolina Maria de Jesus.
E as obras que ela produz

Deixou a humanidade habismada
No início eu fiquei confusa.
Parece que estava oclusa
Num estôjo de marfim.
Eu era solicitada

Era bajulada.
Como um querubim.

Depois começaram a me invejar.
Dizia: você, deve dar
Os teus bens, para um assilo
Os que assim me falava
Não pensava.
Nos meus filhos.

As damas da alta sociedade.
Dizia: pratique a caridade.
Doando aos pobres agasalhos.
Mas o dinheiro da alta sociedade
Não é destinado a caridade
É para os prados, e os baralhos

E assim, eu fui desiludindo
O meu ideal regridindo
Igual um corpo envelhecendo.
Fui enrugando, enrugando...
Petalas de rosa, murchando, murchando
E... estou morrendo!

Na campa silente e fria
Hei de repousar um dia...
Não levo nenhuma ilusão
Porque a escritora favelada
Foi rosa despetalada.
Quantos espinhos em meu coração.
Dizem que sou ambiciosa
Que não sou caridosa.
Incluíram-me entre os usurários
Porque não critica os industriais
Que tratam como animais.
– Os operários...

Carolina Maria de Jesus

A resistência de Carolina: a escrita

O livro *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus tem como um de seus aspectos marcantes a sua escrita. Ao passo que problematiza e narra temas como a fome e a miséria, exprime sensibilidade em relatá-los e demonstra seu caráter humano diante as questões de desigualdades.

Relatar a fome e a miséria na literatura pode ter o risco de tornar a obra mais de cunho social do que literária, mas a autora une essas duas vertentes com maestria. Nesse sentido, a obra de Carolina é importante para entender as classes sociais e também a condição daqueles que são tirados os direitos humanos de ter moradia, comida e escolaridade. Direitos que são cerceados pela disputa de poder instaurada desde o Brasil colônia.

Por outro lado, mesmo sensibilizando o leitor com temas sociais, o conteúdo literário é extremamente poético. A autora convida o leitor, a partir de seu diário, a conhecer sua trajetória. O leitor acompanha a narrativa que envolve Carolina, seus vizinhos e as agruras do seu dia a dia.

Além disso, a autora, que cursou apenas dois anos do primário, preocupa-se em usar um vocabulário rebuscado mesmo aparecendo em seu texto palavras que não são redigidas na norma padrão. Os erros de ortografia não diminuem sua obra, mas ao mesmo tempo fica o questionamento se a obra poderia ser revisada ou não. Talvez se a revisão mais severa tivesse sido feita, poucos acreditariam em sua veracidade, ou seja, poucos acreditariam que uma mulher negra poderia ter escrito um livro devido ao cenário racista vigente.

No entanto, Audálio Dantas fez pequenas alterações para que o texto ficasse mais coeso, mas mesmo com algumas alterações do jornalista, vemos muitas palavras que não estão de acordo com norma padrão, exemplo é quando a autora grafa educada com “i”. Devido ao questionamento citado, as discussões quanto à formalidade da autora se enquadram no que Meihy destaca:

Seus erros gramaticais, em contraste com a difícil explicação de seu vocabulário, representam facetas que fundem na necessidade expressiva a afetação de quem vê a literatura como poder. (Meihy,1998, p.91)

Muitos críticos veem como problema a escrita de Carolina devido aos erros ortográficos, no entanto, no livro há a preocupação da autora em relação ao que sua produção literária representa, ou seja, o foco dos leitores deveria ser referente a mensagem que sua narrativa oferece : a sua sensibilidade.

2 de maio de 1958. Eu não indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perda de tempo. (Jesus,1960, p.30)

... Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários.

Nesse sentido, o autor revela que o foco não é o grau de formalidade da escritora, mas sim o que sua escrita representa. Ou seja, para Meihy “mesmo sendo mulher fisicamente indefesa na favela, sabia que por saber e ler escrever tinha domínio dos códigos dos poderosos”. Essa afirmação de Meihy indica que a autora mesmo sendo socialmente indefesa, sabia que ao fato de saber ler e escrever a poderia ajudá-la.

Trechos citados permitem afirmar que a escrita de Carolina Maria de Jesus é humana, mostrando quanto seu texto tem que ser tratado com total relevância no meio acadêmico, em que apenas os clássicos são discutidos incansavelmente.

Outra questão é a respeito de como a autora enxergava que por meio das palavras acreditava que poderia mudar de vida. No decorrer do livro, a personagem relata seu desejo de ter uma melhor qualidade vida. Ou seja, ascender socialmente era um dos sonhos de Carolina, um sonho que está muito presente na obra. Um exemplo é quando a personagem usa a imaginação para fingir estar num lugar melhor:

... Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que era eu um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas côr de rosa. Eu ia a terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. (Jesus, 1960, p.117)

Assim, os seus escritos tinham o propósito não somente de mostrar sua alma de artista, mas também como a própria autora define: o desejo de ter algo bom na vida. Porém, mesmo relatando seu sonho, a narradora personagem sempre volta à realidade:

Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos. (Jesus, 1960, p.117)

Pode-se inferir que há um ciclo durante a narrativa em que relata e a partir dos relatos imagina, sonha e volta a realidade. Escrever era a válvula de escape aliado à sua resistência quanto mulher de suportar a vida a qual levava, mas também a oportunidade de fazer parte da sala de visitas como diz durante toda a narrativa:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades(...). Eu preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (Jesus,1960, p.60)

A autora caracteriza a favela como um quarto de despejo em que se joga tudo o que era ruim e o que não prestava. Essa diferença que a escritora faz durante toda a narrativa deixa claro a discrepância das classes sociais. A autora não ameniza quando relata da sua fome nem do que os pobres passavam. Na narrativa, a autora põe em discussão o seu lugar de fala e o espaço destinado aos seus iguais, além de fazer críticas ao sistema políticos com metáforas e poemas. Assim, na obra, há o destaque de seu pensamento político durante toda a narrativa:

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estinguem as favelas. Há poucos que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem o dia inteiro pedindo esmola (Jesus,1960, p.21)

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. (Jesus,1960, pg.31)

8 de novembro.... Fui fazer compras no japonês. Comprei um quilo e meio de feijão, 2 de arroz e meio de açúcar, 1 de sabão. Mandei somar. 100 cruzeiros. O açúcar aumentou. A palavra da moda, agora, é aumentou. Aumentou! (Jesus,1960, p.129)

A fala de narradora é política não por fazer referências aos políticos, mas por usar seu discurso de forma consciente e problematizar sua realidade.

Embora o diário tenha caráter de testemunho da realidade social e política da autora e de seus vizinhos, a obra não perde o caráter poético, pois a escritora queria ser reconhecida como poeta, apesar de muitos críticos literários não a considerarem com tal, o que é contraditório sendo *Quarto de despejo* um de seus livros mais conhecidos devido a sua linguagem e estruturação. Dentre tantas críticas a autora também reconhecia seu potencial e acreditava que mudaria de vida com a publicação do livro:

25 de setembro Não dormi por estar exausta. Pensei que até ia morrer. Eu tenho impressão que estou num deserto. Tem hora que eu odeio o repórter Audálio Dantas. Se êle não prendesse o meu livro eu enviava os manuscritos para os Estados Unidos e já estava socegada. (Jesus,1960, p.119)

Ao fazer essa afirmação a autora está interessada no retorno da venda de seus manuscritos. Entretanto, a literatura de autoria negra não interessa o suficiente ao que se costumava vender: literatura clássica.

No entanto, vale ressaltar, que mesmo não fazendo parte do cânone literário, para literatura afro-brasileira, a autora, tem papel importante, pois em *Quarto de despejo* a personagem narradora surge como porta voz da mulher negra favelada. A voz feminina que emerge em sua narrativa configura papéis de mulher negra, da mãe solteira e de trabalhadora. Esses papéis reais que fazem parte da obra emanam a voz feminina que possibilita perspectivas da vivência do povo negro silenciada e embranquecida devido ao racismo e o sexismo enraizado no cotidiano dos brasileiros.

Vale ressaltar que Carolina talvez não tivesse consciência de que sua escrita seria importante não apenas pelo tom de denúncia das mazelas sociais que há no livro, mas pela representatividade e contribuição no que se refere ao resgate para a cultura afro brasileira. Nesse sentido, há algumas passagens no livro em que a narradora assume sua cor e a valoriza. O seguinte trecho refere-se a tentativa da autora de mostrar suas peças a alguns diretores, mas que recusam devido ao tom da sua pele:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica.É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça êle já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (Jesus,1960, p.65)

Esse posicionamento da narradora revela o quanto é importante os negros e as negras no centro da narrativa para que protagonizem suas histórias e participem da

produção literária. Dessa forma, a literatura ajuda a população negra quebrar barreiras sociais que a impede de fazer parte do meio literário, além de contribuir para o processo identitário das negras e dos negros.

Além disso, a partir desses relatos, é visto como a autora conquista um espaço que o tempo todo lhe é negado. A autora representa, na década de 1960, a possibilidade de muitas escritoras e poetas que por falta de oportunidade não alcançam o espaço que deveria ser de todos, independentemente da classe social, gênero e cor.

No entanto, mesmo sendo uma obra que contribui para literatura afro brasileira, a informalidade e os erros ortográficos a impedem de ser considerada uma produção literária de qualidade. Sua obra foi esquecida rapidamente pelo meio intelectual e acadêmico. Entretanto, os erros ortográficos e tom de denúncia social em sua narrativa não diminuem a grandeza da obra, apenas revela que em meio a tanta miséria nasceu uma artista completa que escreveu músicas, poemas, teatro e romances.

Teoricamente, Carolina queria ser lembrada como artista, não como uma mulher negra que testemunhou as agruras de uma sociedade minada de desigualdades sociais.

A ROSA

Eu sou a flor mais formosa
Disse a rosa
Vaidosa!
Sou a musa do poeta.

Por todos su contemplada
E adorada.

A rainha predileta.
Minhas pétalas aveludadas
São perfumadas
E acariciadas.

Que aroma rescendente:
Para que me serve esta essência,
Se a existência
Não me é concernente...

Quando surgem as rajadas
Sou desfolhada
Espalhada
Minha vida é um segundo.
Transitivo é meu viver
De ser...
A flor rainha do mundo.

Carolina Maria de Jesus

Da violência simbólica a solidão

Quarto de despejo é um livro poético no que se refere às reflexões da realidade da personagem narradora e de seus vizinhos, mas; durante a narrativa, percebe-se que os relatos revelam ao leitor que tudo que acontece na vida das pessoas naquela favela está ligado as desigualdades sociais. Ou seja, a miséria, a fome, o preconceito social, racial e de gênero que são descritos pela narradora determinam o destino daquela gente, principalmente o destino de Carolina Maria de Jesus.

A personagem sai todos os dias para trabalhar e às vezes volta sem ter conseguido dinheiro para comprar comida, ela cuida dos filhos, cata papel e escreve o diário. É essa a rotina da personagem narradora que relata a miséria, a fome, o racismo e a misoginia.

A fome é um dos maiores exemplos é minuciosamente descrita e merece atenção do leitor, pois ela tem cor; é amarela, causa tontura, mal-estar e desânimo e mostra o quanto isso pode ser prejudicial e violento.

Mas além de interpretar a fome como algo violento, Carolina Maria de Jesus não tinha fome somente de comida; tinha fome de vida, de ser uma boa escritora, fome de ser reconhecida, de dar uma boa qualidade de vida aos seus filhos.

...resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou aos meus olhos. (Jesus, 1960, p.45)

É quatro horas. Eu já fiz almoço- hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e reponho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está no alcance do favelado, fico sorrindo atôa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. (Jesus,1960, p.50)

É interessante ressaltar que quando a personagem narradora tem comida, ela compara como um lindo espetáculo:

... A comida no estomago é como combustível nas maquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar mais depressa, eu tinha impressão que eu deslizava no espaço. Comecei a sorrir como estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo

mais lindo que ter o comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (Jesus, 1960, p.45)

São poucas as descrições de felicidade, são poucas às vezes que a personagem se alimenta bem, a narrativa se mantém nas descrições angustiantes, repetitivas e enfáticas. O leitor pode se sentir entediado diante a tanta minuciosidade, o que talvez prejudique na dinâmica do livro.

Entretanto, a fome que a personagem narradora passava todos os dias, não tirava a força de sair de casa e trabalhar. A responsabilidade que tinha com os filhos era superior a qualquer descaso que sofria do Estado. A força da narradora simboliza a resistência das mulheres negras que são preteridas desde a infância e destinadas a dar valor ao trabalho árduo.

Assim, diante a tantos descasos a autora afirma que para que haja mudanças na qualidade de vida dos mais pobres, só seria possível se alguém que já tivesse passado fome chegasse à presidência e pontua que sem comida, não tem progresso, nem arte e principalmente não existe vida. As críticas da autora expõem a realidade de um país que precisa de políticas públicas para alcançar o progresso.

As descrições da narradora também revelam o quanto fica debilitada por não comer indica mais uma vez sua força. Não ter o que comer e mesmo assim continuar trabalhando mostra sua mente permanece focado na responsabilidade de alimentar os filhos.

Em contrapartida, na narrativa da autora há momentos de fraqueza em que sugere à ideia de suicídio, nesses trechos a narradora confunde o leitor:

Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem é forte desanima. (Jesus, 1960, p.61)

.... Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoado de viver. Também, com a fome que eu passo quem é pode viver contente? (Jesus,1960, p.121)

No entanto, mesmo se tratando de uma mulher forte e que tinha a consciência de suas responsabilidades, esses conflitos da narradora personagem ao descrever a ideia do suicídio revela a dualidade em que vivia. Não é possível viver bem e feliz sem comida, o que leva a acreditar que não tenha motivos para viver. Teoricamente, o que faz a autora não deixar que a fome e ideia de suicídio a dominem é a escrita.

Vale ressaltar que a consciência de suas responsabilidades a mantêm firme, acordar, não ter o que comer sair para trabalhar como catadora e ainda assim não conseguir fazer todas as refeições, é uma rotina exaustiva e violenta. No caso da narradora, que estava alocada na favela, a fome que passa e o meio que usa para manter-se vida catando papelão, indicam que mesmo que seja uma forma de luta por sobrevivência. Essas dificuldades do dia a dia dão margem para que a personagem fique exposta aos diversos tipos de violência na favela.

Desse modo, além da fome, as violências que abarcam questões de gênero e cor acometem a narradora podem ser analisadas a partir do que Bourdieu conceitua como violência simbólica: “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas e do conhecimento”. Partindo do conceito de como violência simbólica se estrutura, é através das relações entre dominador e dominado consciente ou inconscientemente que diversos tipos de violências se estabelecem.

O que a personagem relata são agressões verbais, violências que permeiam o mundo simbólico que envolve a sutileza como a falta de comida, o preconceito racial e o sexismo, não causam impactos imediatos como uma agressão física, mas prejudicam as suas escolhas e a sua qualidade de vida.

Desse modo, no que refere à violência simbólica, a ausência da agressão física permite que o dominador e dominado permaneçam na relação que apenas um dos lados é prejudicado. Ou seja, no caso de *Quarto de Despejo*, a violência simbólica que a narradora personagem sofre por conta da cor e do gênero a mobiliza e não traz muitas perspectivas de vida, o que dificulta o processo de ascensão social e suas relações afetivas. Para entender a violência simbólica presente no livro, é importante compreender as questões de gênero e cor.

Ser mulher no Brasil é enfrentar diariamente a misoginia. A violência contra mulher é um problema de saúde pública, pois muitas mulheres morrem porque são mulheres e as mulheres negras sofrem mais com violência por conta da cor. Dito isso, não podemos dizer que as mulheres brasileiras sofrem os mesmos tipos de violência, faz-se necessário o recorte social.

Segundo a pesquisadora Tatiane Silva, em artigo publicado no *Dossiê Mulheres Negra:*

Se para as mulheres brancas das classes médias, um ponto importante para autonomia é sua inserção no trabalho remunerado, demandando políticas de ativação; para as mulheres negras das classes mais baixas pobres, a participação no mundo de trabalho é, em geral, precoce precarizada e as

inscreve, de partida, em patamares desvantajosos. As demandas são, por conseguinte, diferenciada (Silva, 2013, p.110)

Essa discrepância no ambiente de trabalho entre mulheres brancas da classe alta e mulheres negras da classe baixa, evidencia o que a personagem vivenciava e relatava em seu diário. Sem as mesmas oportunidades de trabalho as mulheres negras, assim como Carolina, se veem obrigadas a trabalhar muito cedo e são caracterizadas como mulheres fortes e trabalhadoras. Esses estereótipos interferem nas escolhas dessas mulheres e estão diretamente ligados ao cenário racista e sexista em que as mulheres negras são submetidas e se enquadram no que Lélia Gonzales explica muito bem:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Conseqüentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (Gonzales, 1984, p.224)

Em *Quarto de despejo* a trajetória da personagem está ligada ao que Gonzales afirma a respeito da relação entre o racismo e o sexismo e os “efeitos violentos” na vida da mulher negra. Para elucidar essa articulação entre racismo e sexismo a autora retoma o período escravocrata, em que a relação entre branco dominador e dominado negro se estabeleceu e suas conseqüências na formação do papel da mulher negra na sociedade.

Gonzales considera que a os papéis atribuídos as mulheres negras se configuram entre mulata, doméstica e mãe preta. Esses papéis afirmam o que autora diz existir: o mito da democracia racial. Considera também que a “confusão” que os brancos fazem com as mulheres vem período colonial. Para explicar, a autora recorre ao que consta no dicionário Aurélio e destaca o termo mucama e explica:

Mucama. (Do quimbundo mu’kama ‘amásia escrava’) S. f. Bras. A escrava negra moça e de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que, por vezes era ama-de-leite. (Os grifos são nossos). Parece que o primeiro aspecto a observar é o próprio nome, significante proveniente da língua quimbunda, e o significado que nela possui. Nome africano, dado pelos africanos e que ficou como inscrição não apenas no dicionário. Outro aspecto interessante é o deslocamento do significado no dicionário, ou seja, no código oficial. Vemos aí uma espécie

de neutralização, de esvaziamento no sentido original. O por vezes é que, de raspão, deixa transparecer alguma coisa daquilo que os africanos sabiam, mas que precisava ser esquecido, ocultado. (Gonzales, 1976, p.164)

A autora sugere está ocultado no termo mucama é a prestação de serviços sexuais que as mulheres negras eram destinadas e se ampara no que Heleieth Saffioti diz a respeito dessa de articulação de prestação de serviços e bens e prestação de serviços sexuais:

Ao caracterizar a função da escrava no sistema produtivo (prestação de bens e serviços) da sociedade escravocrata, Heleieth Saffioti mostra sua articulação com a prestação de serviços sexuais. E por aí, ela ressalta que a mulher negra acabou por se converter no “instrumento inconsciente que, paulatinamente, minava a ordem estabelecida, quer na sua dimensão econômica, quer na sua dimensão familiar” (Gonzales, 1976, p. 165).

Ou seja, os papéis que caracterizam a mulher negra estão ligados ao que Gonzalez considera ser “o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama”. Desse modo, a mulher negra ao desfilhar-se da figura de mucama passou a ser ora mulata ora doméstica, e, apesar das mudanças dos termos, as discriminações continuaram.

E é a partir desse histórico racista e sexista que se insere os mais diversos de tipos de violência que atingem mulheres negras principalmente, e Gonzales assinala:

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país).(Gonzales,1976,p.165)

Nesse aspecto, Carolina é uma mulher negra que habita a favela, sofre com a dominação branca e trabalha todos os dias para sustentar sua família sozinha. Essa descrição da vida de Carolina denuncia os descasos que uma mulher negra pode sofrer durante a vida. Os relatos feitos a partir dessa realidade cruel que era submetida revela certo distanciamento da narradora para com os demais habitantes da favela.

No caso de Carolina Maria de Jesus, ela é mulher negra que começou o trabalho de doméstica, mas logo desistiu e começou a catar a papelão nas ruas de São Paulo para que tivesse mais tempo para os filhos e para leitura.

Por ser uma mulher negra que tinha como trabalho catar papel, Carolina se encaixa no estereótipo de doméstica, mas busca força na escrita para mudar seu destino. Isso nos leva a outra questão, de como a intelectualidade das mulheres negras é negligenciada pelo racismo e sexismo.

A escritora Bell Hooks em seu artigo *Intelectuais Negras* questiona sua trajetória acadêmica como da demais negras que conseguem alcançar a academia. Para Hooks a trajetória dos negros americanos para se tornarem intelectuais podem ter vários motivos, mas na maioria das vezes são os mesmos:

Os motivos pelos quais algumas pessoas negras escolheram tornar-se intelectuais sérios são diversos. Mas na maioria dos casos pode remontar a uma raiz comum uma experiência, tipo de conversão religiosa com um professor ou colega muito influente que nos convenceu a dedicar a vida a atividades de leitura, escrita e conversa pelo prazer individual e ascensão política dos negros (e muitas vezes outros oprimidos) (Hooks, 1995, p.495)

Hooks buscou a intelectualidade para sobreviver em meio a uma infância dolorosa. No caso da autora, o fato de ter vivido em uma comunidade pobre, a educação era valorizada como um passaporte para mobilidade de classe social a vida intelectual, no entanto sempre esteve ligada a carreira de ensino e ressalta que qualquer um poderia ensinar, mas a intelectualidade não era para todos. Nesse sentido, Hooks questiona como o processo da intelectualidade pode ser difícil, principalmente para as mulheres negras. Segundo a autora, ser inteligente era sinônimo de intelectualidade o que era preocupante, sobretudo se fosse uma mulher negra.

Assim, o percurso da intelectualidade é limitado para os negros e as negras, pois a participação do negro ou da negra na elite intelectual é marcada pelo racismo. No entanto, Hooks, mesmo diante a tantos empecilhos, encontra refúgios na vida intelectual em que se torna agente de sua vida e constrói a própria identidade subjetiva e, além disso, afirma que o trabalho intelectual é necessário para a luta dos negros para a libertação para os esforços de todas as pessoas oprimidas ou exploradas passam de objeto a sujeito que descolonizaram e libertaram suas mentes.

Em *Quarto de despejo* temos uma narradora que é agente da sua própria, pois Carolina passa de objeto a sujeito da sua narrativa. A personagem narradora liberta sua mente a partir de escrita, o que nos leva a crer que os percursos de Carolina Maria de Jesus e Hooks são similares, ambas são oprimidas pelo sistema racista e sexista que está incutido na sociedade e as atingem violentamente, porém elas não se limitam intelectualmente.

Quando cheguei na favela estava indisposta e como dor nas pernas. A minha enfermidade é física e moral. (1960, Jesus, p.90)

A dificuldade em alcançar a intelectualidade devido aos descasos sociais, o racismo, o sexismo que são cerne da violência simbólica, adoece a narradora fisicamente e moralmente, assim consequentemente optando por apenas cuidar dos filhos sem dar espaço para um companheiro.

A solidão em *Quarto de despejo*

Até aqui a discussão se fez em torno da trajetória de Carolina Maria de Jesus que foi marcada pelas desigualdades sociais, pela violência de gênero e de cor, além de compreender o seu processo de escrita. No entanto, essa trajetória nos provoca a seguinte dúvida: a solidão de Carolina.

Para a personagem narradora ter um companheiro era submeter-se ao que muitas mulheres na favela viviam: fofocas, brigas e violência, o que nos leva a crer que ela optou por não partilhar sua vida com ninguém:

Ela disse-me para eu não iludir com os homens que eu posso arranjar outro filho e que o homem não contribui para criar o filho. Sorri e pensei: em relação aos homens, eu tenho experiências amargas. Já estou na maturidade, quadra que o sendo já criou raízes.

As experiências amargas da narradora não fazem parte do diário, que não contém registros de traição, violência física, nem suas histórias de amor. O que é dito ao leitor são breves reflexões da sua mágoa com os homens:

Mas quando eu estou deitada com ele, acho que ele me serve (Jesus, 1960, p.131).

Os relatos da autora permitem considerar que sua escolha por não ter um companheiro em sua vida é por não se sentir segura. A falta de confiança pode estar ligada ao que foi dito neste trabalho a respeito da formação da mulher negra e a violência que ela sofre no decorrer da vida em que se configuram nos estereótipos de mulata e doméstica. Dito isso, o que se vê na personagem é a sua resistência. A força de não deixar essas violências destruírem seus sonhos:

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha, tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice, eu não tenho que dar satisfação a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque eu não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar meu dinheiro em livros do que em álcool. (Jesus, 1960, p.73)

Os laços afetivos precisam de segurança e respeito, o que na perspectiva da narradora não existe na favela. Como ela diz, a favela é onde se joga tudo o que não presta. Esse pensamento a distância da possibilidade de vínculo tanto social quanto amoroso, porém, viver em sociedade significa manter vínculos, socializar, fazer parte de algum grupo que traga satisfação ou felicidade, o que para a narradora não isso não é possível. Estar em um grupo e fazer parte dele, no caso da narradora, não trazem consequências positivas:

Dia 1 janeiro de 1958 ele disse-me que ia quebra-me a cara. Mas eu lhe ensinei que a é a b é b. Ele é de ferro eu sou de aço. Não tenho força física, mas minhas palavras ferem mais do que a espada. E as feridas são incicatrizáveis. Ele deixou de aborrecer, e porque eu chamei a radio patrulha para ele, e ele ficou 4 horas detido. (Jesus, 1960,p.49)

Manter-se sozinha era um escudo para manter-se livre de qualquer problema e principalmente de qualquer agressão. A escolha de não ser casar por exemplo pode ser justificada por ela ter presenciado muitas cenas de violência contra as mulheres tanto físicas quanto psicológicas. Nesse sentido, fica evidente o porquê da autora não se sentir à vontade naquele espaço para compartilhar sua vida, a não ser com o lápis e o papel.

O homem entra pela porta. O filho é a raiz do coração. (Jesus, 1960, p.50)

Então a autora passa para o papel a realidade violenta daquela favela e relata que um dos principais problemas na favela é o alcoolismo e as consequências são as agressões que as mulheres com seus respectivos maridos. Durante a narrativa Carolina se distancia dessa realidade que gera violências principalmente no que se refere ao alcoolismo.

Para a narradora o uso do álcool prejudicaria não só a ela como a criação dos filhos, além de estar ligada a violência física. Muitas mulheres e muitos homens que fazem o uso abusivo do álcool se envolvem em brigas e até morte, o que para a narradora não é aceitável, principalmente quando os maridos batem em suas respectivas esposas.

No decorrer de seus relatos a narradora deixa claro o porquê de não se submeter a um casamento, como ela mesmo diz:

Vê se não volta mais aqui. Eu já estou velha. Não quero homens. Quero só os meus filhos. (Jesus, 1960, p.100)

Para a narradora viver diante a violência, principalmente a doméstica, a desamina em relação aos homens. Apesar de ter se envolvido com alguns, oculta os nomes dos pais de seus filhos e não dá muito detalhes da vida amorosa, além disso, a narradora assistia suas vizinhas apanharem, o que contribuiu para que não tivesse perspectiva de um relacionamento futuro.

A recusa em ter um companheiro ou amigos pode ser justificada não por suas escolhas, mas pelo que o tom da pele, gênero e classe social. Ao questionarmos que Carolina é uma mulher negra pobre, o recorte a ser feitos é no que tange o racismo e ao sexismo. Reconhecer que tanto o racismo e o sexismo impedem o crescimento profissional e intelectual da personagem, é reconhecer que existe o mito da democracia racial que afeta principalmente mulheres negras que são as que menos casam.

Analisar a solidão da mulher negra em *Quarto de despejo* é enxergar como a trajetória de vida é determinada pelo tom de pele e gênero, além de perceber o tom de tristeza e pesar da narradora: O dia está triste igual a minha alma (Jesus, 1960, p.88)

Partindo dessa perspectiva, pode-se analisar a solidão da personagem Gonzales do tempo, esse pensamento ganhou força, quais processos teriam determinado essa construção e como a mulher negra é situada nesse discurso.

Carolina trabalhou de doméstica, mas quando teve seu primeiro filho optou por catar papelão, pois assim teria mais tempo para cuidar das crianças. Essa mudança de trabalho acarreta mais tempo para a escrita também. Assim, morando na favela, o diário se torna companheiro da autora. O lugar de fala de Carolina passa a ser a partir da vivência na favela. Lugar que no livro passa a ser o cenário da sua narrativa.

Mais uma vez, é possível ver como o racismo e o sexismo se na sua narrativa e lembra bem o que Gonzales diz a respeito da nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo.

Considerando os relatos a respeito do clima hostil da favela, participar daquele grupo não garantia segurança nem estabilidade nem amigos. Em várias passagens Carolina deixa claro seu posicionamento em relação a favela que até hoje dia, a violência ainda presente na favela. A violência que Carolina narrou naquela época era de uma favela que ainda estava em formação, mas que destruía os sonhos de seus moradores:

Mas quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infância, juventude e maturidade (Jesus, 1960, p.49)

Quem vive na favela deve procurar isolar-se, viver só. (Jesus, 1960, p.49)

Quando a narradora afirma que a favela é um quarto de despejo retrata bem o descaso de viver em uma sociedade preconceituosa e elitista. Ela afirma que a casa grande ainda permanece e conseqüentemente todo o sistema colonizador. Somos um país em que a maior parte da população é negra, mais ainda insistem de chamar os negros e as negras de minoria.

Desse modo, o que procuro aqui indagar é o percurso solitário de uma mulher inteligente, escritora, inovadora e importante para a cultura brasileira que tem. Carolina tem uma obra extensa de músicas, teatro e poemas. Os negros e as negras desse país ainda têm dificuldades de se afirmarem e muitas vezes desconsideram que sua cor carrega traços, memórias, histórias, narrativas que o fizerem chegar aqui. O mito da democracia racial é o culpado por limitar o resgate da cultura negra.

A exaltação da mulher branca apenas privilegia os homens que detêm o poder devido ao patriarcado. Pois, apesar das mulheres negras serem preteridas tanto pelo homem negro e pelo homem branco, as mulheres brancas sofrerão com a violência de gênero, mas não lidam com o racismo. Ou seja, mulheres negras e mulheres brancas sofrem com o patriarcado, no entanto mulheres negras sofrem com a dupla violência que o trabalho expôs: o racismo e o sexismo. Essas violências corroboram para que muitas mulheres negras não tenham relacionamentos duradouros e acabem sozinhas, pois a objetificação e a sexualização descartam a possibilidade de serem levadas a sério ou assumidas em público, o que Hooks assinala concisamente essa realidade:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (Hooks, 1995, p. 469)

A sexualização da mulher negra e a persistência da exaltação da beleza de mulheres brancas são resumidas na seguinte frase: “Mulher branca para casa, mulata pra transar e negra para trabalhar “. Isto é, no imaginário racista, as mulheres negras são para prestar serviços sexuais e braçais. Não precisamos pesquisar muito, a mídia deixa evidente os papéis das mulheres negras e das mulheres brancas. Novelas, revistas, propagandas não dão

papéis de destaque para pessoas negras e ainda reforçam estereótipos de a empregada quase da família, a favelada barraqueira ou trapaceira e a mulata sensual. Outro exemplo são os jogadores de futebol famosos que exibem seus casamentos luxuosos com mulheres brancas. A intenção não é dizer que amor inter-racial existe, porém ainda é preciso questionar e problematizar o porquê as mulheres negras sofrem tanta violência e são as que menos conseguem o matrimônio.

Tive sonhos agitados. Eu estava tao nervosa que eu se eu tivesse azas voaria para o deserto ou para o sertão. Tem hora que eu volto comigo por ter iludido com os homens e arranjado três filhos (Jesus,1960,p.86)

Desse modo, a narrativa de Carolina mesmo não tendo a intenção de falar da sua solidão, nos remete a realidade de uma mulher negra que foi preterida pela sociedade e teve sua trajetória marcada pela solidão. Uma realidade narrada em meados dos anos 60 por uma mulher negra periférica é entender a “ferida aberta” que esse país carrega. A autora poderia ter feitos um romance, mas o fato de ser um diário contribui para que a trajetória seja solitária. Carolina conta sua vida, mas não permite ninguém manter ao seu lado.

No entanto, não poderemos aqui reduzir a felicidade da Carolina por não ter encontrado alguém com quem compartilhar sua vida, isso é afirmar que a vida da mulher está no outro. No caso, o outro na vida de personagem não poderia trazer felicidade, pois a insegurança era maior que o desejo de compartilhar a vida com alguém, por isso, o que nos compete nesse estudo é perceber que Carolina e tantas outras mulheres negras são negligenciadas.

Entretanto, mesmo que a narrativa de mulheres negras indique a solidão, poucos debatem o assunto, principalmente na literatura. A narrativa de mulheres negras é silenciada devido ao sistema patriarcal que privilegia a voz masculina com histórias de luta cheias de heroísmos que causam comoção, em que o centro da narrativa é os conflitos masculinos. Já a voz feminina remete a imagem da mulher no ambiente privado, em que quaisquer atitudes mais agressivas são tachadas de histéricas e incapazes de narrar sua história.

Uma mulher sozinha que trabalha, tem agência da sua vida e tem filhos pode gerar desconforto aos homens que ainda veem com o ideal da mulher frágil e do lar. Os homens que passaram em sua vida também não lhe davam firmeza para sentir confiança:

Ele disse-me que quer casar-se comigo. Olho e penso: este homem não serve para mim. Parece um ator que vau entrar em cena. Eu gosto de homens que pregam pregos, concertam algo em casa. (Jesus,1960,p.109)

Negar que os problemas que vão da classe social a gênero e silenciar-se ajudar o opressor. Negar que mulheres negras são as que mais sofrem violência de gênero e cor é apoiar o sexismo e o racismo. Estudar e entender a realidade dessas mulheres negras é buscar por suas (nossas) raízes. A memória do povo negro precisa ser construída a partir de seus representantes que se mantiveram firmes em afirmar que existem e tem voz.

Em *Quarto de despejo* a voz de Carolina apesar de muita força e resistência, é uma voz solitária. A solidão da obra destaca-se principalmente no momento em que a narradora decide não ter homens nem amigos em sua vida. A violência que é relatada no permite inferir que as mazelas ali vivenciadas as impede de construir um relacionamento saudável.

Além disso, a narradora também desconsidera fazer parte daquele grupo, pois morar na favela envolve assistir os diversos tipos de violências que são ligadas ao machismo e ao racismo. A personagem se envolve em discussões, mas não há relato de nenhuma agressão física. Carolina observa a favela e tem consciência da sua luta, de onde e porque fala. O discurso, apesar de muitas vezes parecer um discurso de negação àquela vida rodeada de miséria, é também de resistência e consciência do que ela é e representa. A narradora não relata a respeito de nenhuma amizade, o que sugere ao leitor uma trajetória de vida solitária na favela. Ela vivencia a favela, mas compartilha no seu diário as consequências de morar em uma favela:

E o pior na favela é o que as crianças presencia, todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para a presenciar os bate fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé povinho. (Jesus, 1960, p.46)

A narrativa de uma mulher negra, pobre e mãe solteira deixam claro que para uma sociedade machista, em que o mito da democracia racial existe e a desigualdade social se estrutura, a escrita de Carolina tem um papel importante para que esses tipos violência que a narradora sofre sejam discutidos e combatidos.

Contudo, mesmo com a desigualdade social, vimos aqui que a escrita se tornou um refúgio da autora para suportar a miséria, no entanto é curioso a narradora não relatar com clareza suas relações afetivas.

DÁ-ME AS ROSAS

No campo em que eu repousar
Solitária e tenebrosa
Eu vos peço para adornar
O meu jazigo com as rosas

As flores são formosas
Aos olhos de um poeta
Dentre todas são as rosas
A minha flor predileta

Se a afeiçoares aos versos inocentes
Que deixo escritos aqui
E quiseres ofertar-me um presente
Dá-me as rosas que pedi.

Agradeço-lhe com fervor
Desde já o meu obrigado
Se me lewares esta flor
No dia dos finados

Carolina Maria de Jesus

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou em *Quarto de despejo* um dos aspectos que Carolina não nos revelou no seu diário: a solidão. Carolina ao relatar minuciosamente a fome, a miséria, as dificuldades do seu dia a dia, o racismo e a misoginia nos indica uma trajetória marcada de violências e solitária.

O objetivo não foi apontar o quão triste era a vida Carolina, mas sim entender que algumas escolhas durante sua trajetória foram feitas para que pudesse se proteger e cuidar dos filhos, porém, conviver em um ambiente hostil e ameaçador que era a favela de Canindé não tirou o sonho de reconhecida pela sua produção literária.

A pesquisa procurou contribuir para que mais uma interpretação da obra de Carolina Maria de Jesus fosse exposta. A solidão existe para todos, no entanto o que vimos aqui é o que acontece na sociedade brasileira de maneira sutil e invisível em cima de um passado violento que é o do Brasil e que afeta em particular mulheres negras.

A literatura é uma das chaves para quebrar os cadeados da violência e opressão que insistem em silenciar e penalizar as mulheres negras que negligenciadas. Assim como Carolina Maria de Jesus muitas mulheres negras precisam ser ouvidas e narrar sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Ano: 1995.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Carolina Maria de Jesus - a voz dos não tem a palavra*. Templo Cultural Delfos, maio/2014. Disponível no link. <http://folhadepoesia.blogspot.com.br/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>.

GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras*. 1995.

JESUS, Carolina. *Quarto de despejo*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*.